



A televisão mortífera

Manuseada com competência e determinação, ela é capaz de destruir uma candidatura

EUGÊNIO BUCCI

22/10/2014 07h00

No primeiro turno, foi moleza. Com cerca de 11 minutos diários no horário eleitoral, a candidatura de Dilma Rousseff não teve a menor dificuldade em despedaçar impiedosamente a imagem de Marina Silva. A primeira batia à vontade; a segunda não tinha tempo para revidar. E perdeu. Não que a televisão, sozinha, seja capaz de eleger um candidato a presidente. Hoje, a comunicação das redes sociais também pesa – e bastante. Fora isso, a campanha de rua é indispensável. Mas a TV, que ninguém duvide, ainda é uma máquina mortífera. Quando manuseada com boa dose de competência técnica e determinação de matar, é capaz de destruir uma candidatura. Foi isso que o primeiro turno provou mais uma vez.

O primeiro golpe baixo – letal – surgiu quando a propaganda de Dilma Rousseff acusou Marina Silva de ser uma reencarnação de Fernando Collor, aquele tal que, em 1989, derrotou Lula na primeira eleição direta para presidente após o fim da ditadura militar. A acusação era falsa até não poder mais. Como assim? Como Marina poderia ser uma nova versão de Collor? Com base em que alguém poderia insinuar uma coisa dessas?

Aquilo não fazia sentido. Quando Collor derrotou Lula, em 1989, Marina já era filiada ao PT. Militava no Acre, onde corria risco de ser assassinada. Um ano antes, em 1988, Chico Mendes, também do PT, no mesmo Acre, fora executado numa tocaia. O que Marina tinha de Collor? Depois, quando Collor sofreu impeachment, em 1992, Marina continuava no PT, em oposição a Collor. Era deputada estadual. Em 1994, foi eleita senadora.

Em 2014, Fernando Collor, reeleito senador por Alagoas, seguia no campo oposto a Marina. Integra a base parlamentar do governo Dilma, a quem hipoteca seu apoio aos brados. Quer dizer: há mais Collor no governo Dilma que na imagem de Marina. Mesmo assim, a propaganda de Dilma deu de chamar Marina de Collor e, apesar de a acusação não ter fundamento, conseguiu fazer aí um primeiro estrago.

Depois, a candidatura Dilma, aproveitando a proposta de Marina de dar autonomia ao Banco Central, acusou-a de querer entregar as rédeas da economia aos inimigos do povo. Jogou pesado. Fez um filminho de TV em que um grupo de sujeitos com pinta de canalha, trocando sorrisos cúmplices uns com os outros, se acomodava em torno de uma mesa-

redonda. Eram os banqueiros. A cenografia lembrava os filmes de gângster dos anos 1950, em que mafiosos se entregavam ao carteadado em volta de uma mesa parecida. A imagem, bem urdida em sua malignidade, sugeria que, com Marina, as piores quadrilhas de assassinos viciados em pôquer se aboletariam na sede do BC. Uma vez lá, poderiam se entregar ao sadismo de cortar o salário mínimo e o Bolsa Família dos inocentes. Essa peça fez ainda mais estrago.

É verdade que o povo não costuma aprovar ataques do mais forte contra o mais fraco. É o risco de quem parte para a baixaria na TV. O eleitor brasileiro tende a não votar em quem é truculento, todo marqueteiro sabe disso. Desta vez, para êxtase da propaganda petista, Marina se atrapalhou onde não precisava e, com isso, pareceu dar razão a seus acusadores. Quando o comando de sua candidatura manifestou apoio ao casamento gay, Marina mandou voltarem atrás. Passou um recibo de improviso. Depois, quando disse que teria votado a favor da CPMF, foi retumbantemente desmentida pela propaganda dilmista. Marina não se explicou direito. Flagrada numa confusão, passou recibo de mentirosa. Era como se estivesse nocauteada. O eleitor experimentava uma sensação ambígua: de um lado, a propaganda de Dilma era arrogante e cruel, e disso ninguém gosta – de outro, faltavam coerência e firmeza a Marina. Na dúvida, Dilma não foi punida pelo eleitor. Marina derreteu. A candidatura da sustentabilidade não se mostrou sustentável.

Agora, no segundo turno, as coisas não serão tão fáceis para Dilma. Depois de agredir uma adversária tão brutalmente, ela se expôs ao risco de ser vista como violenta. Terá de manejar se quiser posar de magnânima. Se repetir contra Aécio Neves a mesma estratégia com que destruiu Marina, poderá se isolar. Ao mesmo tempo, terá de atacar. Aécio, até aqui, surfa tranquilamente na imagem de bom moço e político cordial. Se não derreter a imagem de seu oponente, Dilma perderá a eleição. Vem sangue por aí.

O resultado é imprevisível. A televisão mortífera funciona, mas às vezes sai de controle. E pode terminar matando o mandante do crime.